



SEÇÃO: COMUNIDADES ECLESIAS MISSIONÁRIAS

Uma prática sinodal: um jeito de ser igreja desde as origens das CEBs

A synodal practice: A way of being church since the origins of the CEBs

Una práctica sinodal: una forma de ser iglesia desde los orígenes de las CEBs

Wilson Dallagnol¹

orcid.org/0009-0000-9183-9335
wdallagnol@ofmcaprs.org.br

Recebido em: 26 ago. 2023.

Aprovado em: 16 out. 2023.

Publicado em: 21 dez. 2023.

Resumo: O artigo trata da prática sinodal nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). A sinodalidade é uma virtude presente desde o início das CEBs. Estas surgem, nos anos 60, com uma prática transformadora, ou seja, "ser e fazer juntos", sinodal "desde a base" e da identidade batismal. Desde 1975, os agentes de pastoral e lideranças das CEBs realizam encontros intereclesiais (15 ao todo), os quais são preparados desde as bases, desde os grupos e comunidades, culminando num grande encontro nacional, cujo atual aconteceu em Rondonópolis/MT, de 18 a 22.7.2023. Nas CEBs, existe a consciência de que a vida de Jesus de Nazaré esteve e está próxima dos excluídos, dos últimos da sociedade, de ontem e de hoje. Nessas comunidades, é necessário e é irrenunciável a centralidade e opção pelo Deus dos pobres, com o jeito de ser e fazer indutivos: partir do contexto marcado pela injustiça, da Teologia inspiradora, aquela do Deus libertador, numa ação comprometida com a prática da sinodalidade e o protagonismo norteador dos "sem poder empoderados" e o modo de exercer o poder juntos, num instrumento organizativo importante que é o Conselho Comunitário de Pastoral.

Palavras-chave: CEBs; Sinodalidade; Igreja dos pobres; Conselho Comunitário de Pastoral.

Abstract: The article deals with the synodal practice in the CEBs. Synodality is a virtue present since the beginning of CEBs. These emerged, in the 60s, with a transformative practice, that is, "being and doing together", synodal "from the ground up" and baptismal identity. Since 1975, CEBs pastoral agents and leaders have held InterChurch Meetings. There are 15 InterChurch Meetings, which are prepared from the ground up, from groups and Communities, culminating in a large national Meeting, the current one taking place in Rondonópolis (MT), from 18 to 22.7.2023. In CEBs, there is an awareness that the life of Jesus of Nazareth was and is close to the excluded, the last in society, yesterday and today. In these communities, the centrality and option for the God of the poor is necessary and indispensable, with an inductive way of being and doing: starting from the context marked by injustice, from the inspiring Theology, that of the Liberating God, in an action committed to the practice of synodality and the guiding role of the "powerless empowered" and the way of exercising power together, in an important organizational instrument that is the Community Pastoral Council.

Keywords: CEBs. Synodality. Church of the Poor. Community Pastoral Council.

Resumen: El artículo aborda la práctica sinodal en las CEBs. La sinodalidad es una virtud presente desde el inicio de las CEBs. Estas surgieron, en los años 60, con una práctica transformadora, es decir, de "ser y hacer juntos", sinodal "desde abajo" y de identidad bautismal. Desde 1975, los agentes y líderes pastorales de las CEBs celebran Encuentros Intereclesiales. Son 15 Encuentros Intereclesiales, que se preparan desde abajo, desde grupos y Comunidades, culminando en un gran Encuentro nacional, el actual que se realiza en Rondonópolis (MT), del 18 al 22.7.2023. En las CEBs hay conciencia de que la vida de Jesús de Nazaret estuvo y está cerca de los excluidos, los últimos de la sociedad, ayer y hoy. En estas comunidades es necesaria e indispensable la centralidad y la opción por el Dios de los pobres, con un modo inductivo de ser y de hacer: partir del contexto



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Escola de Teologia Franciscana (ESTEF), Porto Alegre, RS, Brasil.

marcado por la injusticia, de la Teología inspiradora, la del Dios liberador, en una acción comprometida con la práctica de la sinodalidad y el papel rector de los "desposeídos empoderados" y la forma de ejercer el poder juntos, en un importante instrumento organizativo que es el Consejo de Pastoral Comunitaria.

Palabras clave: CEB. Sinodalidad. Iglesia de los pobres. Consejo Pastoral Comunitario.

Introdução²

A Igreja de Jesus, desde os seus primórdios, tem viva na sua memória a prática e o jeito de ser e fazer de seu Mestre. Ao longo da história, não faltou testemunho, mesmo minoritário, da prática sinodal. Desde o Concílio de Jerusalém (At 15,1-35), até o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), a sinodalidade permeou a vida da Igreja Católica.

Com o presente tratado, queremos sustentar que as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) surgem nos anos 50 e 60 (CNBB, 2010, p. 7-11) com uma prática transformadora na Igreja, aquela do ser e fazer "sempre juntos", sinodal a partir "de baixo" e da identidade comum, o Sacramento do Batismo.

Clodovis Boff (1978, p. 51) nos diz que é preciso clarear a "nomenclatura" da CEBs, ou seja, são Comunidades – agrupamento restrito, relações primárias, afetivas e interpessoais; Eclesiais – de Igreja, cristãs, religiosas; de Base – sentido sociológico: camadas mais baixas da sociedade, pobres, explorados, oprimidos; sentido teológico: tecido elementar cristão; sentido descritivo: da base, de baixo. Em nosso caso, entendemos as CEBs como uma realidade que supõe o protagonismo dos pobres, a partir da fé no Deus que ouve o clamor dos oprimidos e excluídos e se põe ao seu lado.

Desde 1975, os agentes de pastoral e lideranças das CEBs vêm realizando encontros intereclesiais (15 ao todo), os quais são preparados desde as bases, desde os grupos e comunidades, culminando num grande encontro nacional, cujo o atual aconteceu em Rondonópolis/MT, de 18 a 22.7.2023. O tema que norteou o Encontro foi

"CEBs – Igreja em saída na busca de vida plena para todos e todas" e o lema: "Vejam! Eu vou criar um novo céu e uma nova terra" (Is 65,17).

No texto-base do 15º Intereclesial de CEBs, temos um instrumental de preparação do encontro, o qual assume a metodologia do VER, "a realidade que nos interpela", do JULGAR, nos "horizontes da esperança", no "rio da utopia e do rito" e do AGIR, na criação de um novo céu e uma nova terra. Aqui, trata-se de as CEBs serem um ensaio e antecipação dos novos céus e nova terra, na simbologia da "Casa – Igreja doméstica" – CEBs, Igreja em saída na vivência da sinodalidade, CEBs e o cuidado da Casa Comum, CEBs, na busca do Bem Viver, CEBs, na alegria do Evangelho sinal de vida plena pra todos e todas, na força missionária da CEBs e a fraternidade e amizade social nas CEBs após a pandemia (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 14-22). Os membros das CEBs procuram sempre "esperançar a partir da realidade". Para os que vivenciam cotidianamente ao interno das CEBs, faz-se a experiência da prática participativa (sinodal), desde o seu nascedouro. A prática sinodal não é nada estranha para nenhum membro ativo das CEBs.

Além disso, existe a consciência de que a vida de Jesus de Nazaré esteve e está próxima dos excluídos, dos últimos da sociedade, de ontem e de hoje. Não menos importante é o protagonismo das mulheres, dos jovens e dos pobres. Acontece o resgate da centralidade dos negros e dos indígenas como algo indispensável para a fidelidade ao Evangelho. O ponto de partida não é o poder institucional e sacramental, mas o serviço aos mais humildes, o "lavar os pés" (Jo 13,1-17) e estar atentos às necessidades fundamentais da pessoa humana (Mt 25,31-46).

Neste artigo, portanto, queremos abordar aquela que é a opção necessária e irrenunciável pela centralidade e opção pelo Deus dos pobres, bem como o jeito de ser e a metodologia indutiva da CEBs: partir do contexto marcado pela injustiça, da Teologia inspiradora, aquela do Deus libertador, numa ação comprometida

² Para aprofundar outros elementos, não constante neste artigo, veja: verbete de Wilson Dallagnol "Comunidade Eclesiais de Base", em: Sidekum, Wolkmer e Radaelli (2016, p. 99-108).

com a prática da sinodalidade e o protagonismo norteador dos “sem poder empoderados” e o modo de exercer o poder juntos, num instrumento organizativo importante que é o Conselho Comunitário de Pastoral.

1 Uma opção necessária e irrenunciável: a centralidade do Deus dos pobres

A questão dos pobres não é apenas uma questão entre muitas questões, não é apenas uma parte do problema da evangelização ao lado de muitas outras... Não é um tema próprio de uma época como se a opção pelos pobres pudesse ser uma moda temporária e como se não fosse o nó da questão, o critério de fidelidade a toda a história da salvação desde as origens do povo de Israel (COMBLIN, 2002b, p. 11).

Jesus nasceu e viveu como pobre, no meio dos pobres. Ao chegar à idade adulta, assumiu a missão de anunciar a “Boa Nova aos pobres” (Lc 4,16-22). Ao proclamar no monte: “Bem-aventurados os pobres, os humilhados, os que choram, os famintos, os misericordiosos, os puros de coração, os fazedores de paz, os perseguidos...” (Mt 5,3-10), Jesus aponta a opção que o Pai faz pelos seus preferidos. E Ele próprio se faz Cordeiro imolado que dá a vida por suas ovelhas. O Ressuscitado envia os discípulos e as discípulas a darem continuidade à sua missão, tendo a centralidade dos pobres no anúncio do Reino (IRIARTE, 1992; SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022).

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração (*Gaudium et Spes*, n. 1).

Isto é profundamente importante para as CEBs, ou seja, a presença de Deus em todo o gênero humano, e em cada pessoa, em particular, especialmente naqueles que vivem na vulnerabilidade socioeconômica, cultural e política.

A prática das CEBs inspirou os documentos de Medellín (doravante *Documento da Conferência de Medellín*, DM), de Puebla (*Documento da Conferência de Puebla*, DP, n. 1134, 1140, 1165),

de Santo Domingo (*Documento da Conferência de Santo Domingo*, DSD, n. 178) e de Aparecida (*Documento da Conferência de Aparecida*, DAp, n. 392), em que a Igreja faz a “opção pelos pobres”, “opção preferencial e solidária”, “não excludente”, “opção evangélica”. No pobre e excluído, está empenhado o nome de Deus, e isso para as CEBs tem um sentido e uma significância fundamentais.

Dom Cândido Padin cita uma manifestação dos bispos latino-americanos:

Um surdo clamor brota de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes advém de parte nenhuma... E chegam a nós as queixas de que a hierarquia, o clero e os religiosos são ricos e aliados dos ricos. Sobre isso, queremos esclarecer que, muitas vezes, se confunde a aparência com a realidade. Inúmeros fatores contribuíram para criar essa imagem de uma Igreja hierárquica rica. Os grandes edifícios, as casas paroquiais e de religiosos quando são de qualidade superior às do bairro em que vivem, os veículos, às vezes luxuosos, e a maneira de vestir herdada de outras épocas são alguns desses fatores... Mas há também a realidade de muitas paróquias e dioceses que são extremamente pobres e de muitos bispos, sacerdotes e religiosos que vivem de privações e se entregam com grande abnegação ao serviço dos pobres, mas que escapa geralmente à consideração e não consegue dissipar a imagem que persiste... Não faltam casos em que os pobres sentem que seus bispos, párocos e religiosos não se identificam com eles, com seus problemas e angústias e nem sempre apoiam os que com eles trabalham ou advogam sua sorte (CATÃO; GUTIÉRREZ; PADIN, 1998, p. 16).

Jesus de Nazaré “sendo rico se fez pobre” (2Cor 8,9), viveu como pobre e amou de modo preferencial os pobres. Viveu na pobreza, concentrou sua missão no anúncio da libertação dos pobres e fundou sua Igreja como sinal dessa pobreza. Ele deseja e interpela a evangelizar os pobres. A promoção humana direciona nossa ação aos pobres, respeitando sua dignidade (CATÃO; GUTIÉRREZ; PADIN, 1998).

“Aos bispos participantes da Vª CELAM não bastava a ideia de uma Igreja voltada para os pobres, sensível a seus sofrimentos e lutando para minorá-los. Eles exigiam que o imperativo da pobreza evangélica atingisse também as pastorais e instituições da Igreja” (FRANÇA DE MIRANDA, 2009, p. 177). A Igreja do Brasil, por

meio da CNBB (2010), dedicou estudos, debates e documentos importantes às CEBs e a opção pelos pobres. A partir da 3ª CELAM, em Puebla, no México, as CEBs são uma "experiência que se expandiu" na América Latina (CNBB, 2014, n. 131).

A Teologia da Libertação é uma reflexão que parte de uma realidade situada e comprometida em auxiliar as vítimas de um sistema injusto e excludente. Assim sendo, as CEBs são esta "proximidade física dos pobres e o esforço de socorrê-los em suas necessidades imediatas" (AQUINO JUNIOR, 2019, p. 54-57), pois eles são os membros vivos e atuantes ao interno da própria Comunidade Eclesial. Trata-se da autêntica opção pelos pobres. Além do mais, existe o "cuidado espiritual" dos pobres, pois não é suficiente o alimento material. Outra prática importante a desenvolver é aquela da formação de uma consciência solidária, a qual não é somente a solução pessoal e isolada, mas também a superação das

estruturas demoníacas que geram os pobres e que Deus faz opção por eles porque são vítimas. Sendo uma opção do próprio Deus, não pode ser uma opção de alguns, mas de toda a Igreja e de todas as pessoas de boa vontade (AQUINO JUNIOR, 2019).

Em sua obra *Cenários da Igreja*, Libânio (1999, p. 91-130) nos mostra quatro "paisagens da Igreja", naquele momento: uma Igreja Instituição, uma Igreja Carismática, uma Igreja da Pregação e uma Igreja – práxis libertadora. Em relação a este último "cenário", a Igreja fará as opções básicas do compromisso com a libertação, com os pobres, com as CEBs, a leitura popular da Sagrada Escritura, nos círculos bíblicos, em que se articulam fé e vida. A Teologia seguirá o método desenvolvido na América Latina nas últimas décadas: ver, julgar e agir. A Igreja se estruturará em comunidades de base.

Quadro 1 – Encontros Intereclesiais de CEBs – Brasil

	Data	Local	Tema	Lema
1º	6 a 8.1.1975	Vitória/ES	CEBs: uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus	
2º	29.7 a 1.8.1976	Vitória/ES	CEBs: Igreja, povo que caminha	
3º	19 a 23.7.1978	João Pessoa/PB	Igreja, povo que se liberta	
4º	20 a 24.4.1981	Itaici/SP	Igreja, povo oprimido que se organiza para a libertação	
5º	4 a 8.6.1983	Canindé/CE	Igreja, povo unido, semente de uma nova sociedade	
6º	21 a 25.6.1986	Trindade/GO	CEBs: Povo de Deus em busca de Terra Prometida	
7º	10 a 14.7.1989	Duque de Caxias/RJ	CEBs: Povo de Deus na América Latina a caminho da libertação	
8º	8 a 12.9.1992	Santa Maria/RS	Povo de Deus renascendo das culturas oprimidas	
9º	15 a 19.7.1997	São Luís/MA	CEBs: vida e esperança nas massas	
10º	11 a 15.7.2000	Ilhéus/BA	CEBs: Povo de Deus, 2000 anos de caminhada	CEBs: memória e caminhada, sonho e compromisso
11º	19 a 23.7.2005	Ipatinga/MG	CEBs: espiritualidade libertadora	Seguir Jesus no compromisso dos excluídos
12º	21 a 25.7.2009	Porto Velho/RO	CEBs, ecologia e missão	Do ventre da terra, o grito que vem da Amazônia

	Data	Local	Tema	Lema
13°	7 a 11.1.2014	Juazeiro do Norte/CE	Justiça e profecia a serviço da vida	CEBs, romeiras do Reino no campo e na cidade
14°	23 a 27.1.2018	Londrina/PR	CEBs e os desafios do mundo urbano	Eu vi e ouvi os clamores do meu povo e desci para libertá-lo
15°	18 a 22.7.2023	Rondonópolis/MT	CEBs: Igreja em saída na busca de vida plena para todos e todas	Vejam! Eu vou criar novo céu e uma nova terra

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

2 Um jeito de ser com metodologia indutiva: partir do contexto (da realidade)³

As CEBs e os seus membros querem VER, "olhar com olhos de irmãos e irmãs para este mundo" (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 8-9). São contra as atitudes da indiferença e do descarte, mas sentem e sofrem com a dignidade violada, a falta de justiça. As CEBs – "Igreja em saída", como Jesus, que é uma pessoa humana, situada no tempo e no espaço, desejam vida digna para todos (Jo 10,10). Num mundo marcado pela violência, exploração, exclusão e discriminação, os cristãos procuram a inserção e o compromisso com a vida e a dignidade humana (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022).

O que marca a realidade brasileira atual é uma injusta distribuição de renda e, não menor, desigualdade social. "O Brasil é um dos dez países mais desiguais do mundo quando se trata de distribuição de renda e de riqueza entre seus habitantes" (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 28). A taxa de desemprego chega a 13,7%, e as condições de habitação vêm marcada pela concentração de renda, com as desigualdades de gênero, regionais e raciais, refletindo no aumento da violência, com mais de 50 mil mortes por ano, mais de 70% com uso de arma de fogo. Já as causas da violência vão na direção da omissão das autoridades, educação precária, corrupção, exclusão, desestruturação familiar, desemprego, tráfico, drogas e preconceito (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022).

A economia brasileira nos põe frente a uma galopante inflação, cuja solução alardeada pela atual condução econômica deste país só se

prende ao aumento de impostos. A taxação das grandes fortunas não entra nessa manobra da equipe econômica, o que seria realmente uma saída mais justa e equânime (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022). Esses breves elementos da realidade nos ajudam a compreender que não se pode abdicar do contexto que nos cerca. O sofrimento e a dor causados pelas desigualdades sociais e econômicas afetam a vida de nossos irmãos e irmãs. Por isso, para as CEBs, a realidade é o ponto de partida para se pensar a vivência comunitária da fé cristã.

O Papa João XXIII reconhecia que, no mundo, existe uma fonte de conhecimento da verdade. Esta se manifesta de modo indutivo, pois o método dedutivo pode induzir a generalidades. O Concílio Vaticano II reconheceu que se pode aprender de outros. Assim, na América Latina, foi possível identificar o Povo de Deus com os pobres. Isso porque há uma nova geração de sacerdotes e religiosos e, do meio deles, uma geração de bispos proféticos, procurando conhecer a realidade humana das suas paróquias e dioceses. E quem conhece a realidade humana chega necessariamente aos pobres e realiza uma Eclesiologia do Povo de Deus, pois é ela que integra a realidade humana na Teologia. No caso da eclesialidade da CEBs, a palavra "povo" permite expressar o conjunto das aspirações populares, os direitos e a dignidade (COMBLIN, 2002a).

Seguindo a linha de reflexão e fundamentação de Comblin (2002a, p. 95), Medellín e Puebla permitem uma "coincidência entre a esperança dos pobres e a da Igreja". Assim, a Igreja deve ser Povo de Deus. Trata-se de uma meta a ser

³ Para esta seção, conferir: Bavaresco (1988).

alcançada, um projeto, um ponto de transformação desejada. A "Igreja latino-americana passa a defender mais nitidamente os pobres"; estes ocupam o primeiro lugar no Povo de Deus; e a "Igreja verdadeira é a Igreja dos pobres" (COMBLIN, 2002a, p. 238-239). Dentro desse contexto, nasceram as CEBs, que, para muitos, parecem ser a realização concreta da Igreja dos pobres. Elas surgem a partir sacerdotes ou religiosos ligados às paróquias de periferia. Esses profetas entendem as paróquias como redes de comunidades, dando a cada comunidade a autonomia suficiente em relação à "matriz".

O Episcopado latino-americano, em Medellín, na 2ª CELAM, mostrou o quanto é sensível às tremendas injustiças sociais existentes na América Latina. Esta mantém a grande maioria do povo numa dolorosa pobreza. Em muitos casos, chega a ser miséria desumana. Trata-se de um "surdo clamor nasce de milhões de homens", implorando ajuda a seus pastores por uma libertação que

não lhes chega de nenhuma parte (DM, n. 1.1-2). Num discurso aos camponeses, o Papa Paulo VI (1968) assim se expressa: "Agora, nos escutais em silêncio, mas ouvimos o grito que sobe de vosso sofrimento".

No documento de Puebla, aparecem dois temas fundamentais: a defesa dos direitos humanos – motivado pelo contexto das ditaduras militares – e a opção pelos pobres, que compromete o Povo de Deus. O problema será como aplicá-los na prática (COMBLIN, 2002a).

"A metodologia das CEBs" mostra um "jeito de trabalhar nos grupos e comunidades", em que estão nitidamente presentes: a análise de conjuntura: Igreja – mundo – Reino, o iluminar ou clarear, e a ação prática (fé – política – lutas) (BAVARESCO, 1988, p. 5-11). "O jeito de coordenar" respeita o protagonismo de todos, em que se procura superar os "vícios" advindos de uma sociedade autoritária (BAVARESCO, 1988, p. 5-11).

Quadro 2 – Memória Dos Intereclesiais de CEBs – RS

	Data	Local	Tema	Lema
1º	7 a 9.9.1979	São Gabriel	A árvore do sistema: causas e consequências dos problemas	
2º	31.10 a 2.11.1981	São Leopoldo	Igreja, povo oprimido que se organiza para libertação	
3º	21 a 24.3.1983	Pelotas	CEBs, povo unido, semente de uma nova sociedade	
4º	19 a 21.4.1986	Santa Maria	CEBs, Povo de Deus em busca de Terra Prometida	
5º	2 a 4.12.1988	Caxias do Sul	Povo de Deus, no RS, a caminho da libertação	
6º	30.11 a 1.12.1990	Santa Cruz do Sul	CEBs: na cultura do povo, sementes de libertação	
7º	9 a 12.9.1993	Ronda Alta	CEBs: Povo de Deus, no RS, construindo sua história de libertação	
8º	21 a 24.3.1996	Palmeira das Missões	CEBs: fermento na massa	
9º	13 a 16.5.1999	Cachoeira do Sul	CEBs: caminhando em defesa da vida contra a exclusão	
10º	16 a 19.5.2002	Santo Ângelo	CEBs: buscando nas fontes a sociedade solidária	
11º	1 a 4.6.2006	Canoas	Desvelando as raízes espiritualidade: Sepé Tiaraju ressuscita de novo nas lutas do povo	

12º	1 a 4.5.2008	Pelotas	CEBs: Ecologia e missão	Escolherás a vida, então viverás
13º	26 a 29.7.2012	Santa Maria	Justiça e profecia a serviço da vida	CEBs, proféticas e missionária na vivência do Reino
14º	21 a 24.4.2016	Farroupilha	Comunidade: Igreja da base, fermento da nova sociedade	Vinho em barris novos
15º	21 a 24.4.2022	Rio Grande	Comunidade lugar de pertença e vivência da fé	Avancem para águas mais profundas e lancem as redes para a pesca
16º	19 a 21.4.2024	São Leopoldo	CEBs, migrantes de ontem e de hoje: os desafios de justiça e amizade social	Alarga o espaço de tua tenda

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

3 Uma Teologia inspiradora: o Deus libertador e a Igreja dos pobres

Para os bispos, na 2ª CELAM, em Medellín, "a comunidade cristã de base é o primeiro e fundamental núcleo eclesial" (DM, n. 1.10). É nele que se conserva e expande o tesouro da fé. "Ela é, pois, célula inicial da estrutura eclesial e foco de evangelização e, atualmente, fator primordial da promoção humana e do desenvolvimento" (ALMEIDA, 2013, p. 31-34). São os líderes cristãos que animam as comunidades cristãs de base. Estes podem ser sacerdotes, diáconos, religiosos, religiosas ou leigos. É a busca da maturidade espiritual e moral, num clima de responsabilidade e autonomia (*Gaudium et Spes*, n. 55). Os membros dessas comunidades, "vivendo conforme a vocação a que foram chamados, exerçam as funções que Deus lhes confiou, sacerdotal, profética e real" (AG, n. 15), e fazem de sua comunidade, "um sinal da presença de Deus no mundo" (DM, n. 3.11).

Para Comblin (2002a, p. 239), "as CEBs foram reconhecidas pela hierarquia latino-americana, mas não conseguiram estatuto jurídico", porque foram vistas com desconfiança. Quando os pobres adquirem um senso crítico e reivindicam seu protagonismo eclesial, sendo vistos como sujeitos ativos, "renasce a desconfiança de que isso é luta de classes", pois os "bons pobres são os pobres bem comportados e agradecidos!" (COMBLIN, 2002a, p. 239). As CEBs deram um passo fundamental, no sentido de acolher os pobres e excluídos. "Os que delas participam

são os pobres que já conseguiram um mínimo de estabilidade na vida" (COMBLIN, 2002a, p. 239).

O que alimenta a esperança é a existência de grupos em que se realizam os sinais do povo dos pobres, da Igreja dos pobres. Na América Latina, "a esperança de uma Igreja dos pobres foi estimulada pelas CEBs", onde se desenvolvem e multiplicam a partir dos anos 60, algumas já antes de Medellín, a maioria a partir de Medellín e Puebla (COMBLIN, 2002a, p. 279-280). No Brasil, as primeiras experiências foram realizadas já nos anos 50. As CEBs atingiram o clímax, no Brasil, entre 1975 e 1985. Na avaliação de Comblin (2002a), as CEBs acabam sendo uma minoria popular diante de uma Igreja ligada às classes médias, com a intenção e o discurso da opção preferencial pelos pobres.

A dignidade da pessoa humana é um dos fundamentos do Estado Democrático de Direito (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022). Desejar vida digna a toda a pessoa humana é um dos elementares Direitos Humanos. A Teologia da Libertação tem sua base no Deus libertador e na Eclesiologia que nasce da fé simples e inserida no mundo dos pobres e excluídos. Trata-se do olhar do profeta que olha e vê a presença do Espírito de Deus que fecunda a história e a vida. É o olhar de irmãos e irmãs, de discípulos e discipulas (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022).

As CEBs são a Igreja que nasce da fé comprometida com os pobres e dos pobres e que parte da realidade situada, mas com o olhar nos "hori-

zontes da esperança", onde é possível vislumbrar "novos céus e nova terra" (Is 65,17). É a criação de imagens, pisando realidade, acordando sonhos e utopias. A utopia tem os pés na realidade, e o sonho dá esperança. Mesmo a ausência de vida, terra, céu, de realidade sofrida, dura, violenta, até com colorido de morte, a esperança não está morta. Existe a utopia da Casa Comum, da música que anima a caminhada, daquilo que sai do "eu" e vai ao encontro do "nós" (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 78-80). A utopia é colocada no coração da realidade, e a profecia faz levedar o fermento da utopia: repartir a terra e partilhar o pão.

Jesus de Nazaré é a palavra feita carne que dá sentido à vida humana. É o fermento na massa presente na história. É "a utopia do profeta do pós-exílio e antecipa a profecia apocalíptica de João" (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 89). Ao dizer "cumpriu-se o tempo, o Reino de Deus está próximo" (Mc 1,15), insere-se na história humana a utopia do céu e da nova terra (Is 65,17).

A "Igreja doméstica", expressão inquieta e criativa da vivência da fé cristã no cotidiano, está muito presente nas origens das CEBs. O próprio Jesus deixou-se fecundar pela experiência doméstica cotidiana para expressar o dinamismo do Reino de Deus (Mt 7,24-27;13,33). Ele muitas vezes utilizou o espaço da casa, o círculo familiar, para vivenciar a fé com seus discípulos e discipulas (Mc 14,12-25). Aos seus seguidores na missão, deu atenção primária à realidade vivida nas casas (Mc 6,10-12). As CEBs sempre primaram pelos contornos personalizados, de pequenos grupos, de círculos bíblicos, da prática da partilha, de ações solidárias, de romarias e celebrações marcadas de esperança.

O Papa Francisco consagrou a expressão da "Casa Comum" e da "Ecologia integral". As CEBs, desde o começo, salientam a questão da sustentabilidade, diminuição do consumo, do supérfluo e redução das desigualdades sociais e econômicas (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 102-103). O "bem viver" tornou-se uma alternativa importante para sair do egoísmo e superar o paradigma tecnocrático (*Laudato Si'*, n. 109-110),

uma posição clara nos gritos contra a "economia da exclusão e da desigualdade" (*Evangelli Gaudium*, n. 53-60). Esse tipo de sociedade, fruto da ideologia burguesa, considera a situação financeira como sendo mais importante para se estabelecer o bem-estar das pessoas, mas isso não passa de "um dogma de fé neoliberal" (*Fratelli Tutti*, n. 168). O "bem viver" vai além. Trata-se de viver e conviver com harmonia, felicidade e dignidade.

O processo de libertação almejado por aqueles que lutam por vida para todos vai além da superação da pobreza socioeconômico-política. Atinge o nível antropológico e cultural, de gênero, raça e etnia. A libertação passa por toda a criação. "Ecologia, sustentabilidade e preocupação com a Casa Comum estão na agenda da Teologia da Libertação", com a luta pela justiça e a biodiversidade (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 105-107). Estas também são questões teológicas. Os povos indígenas nos dão fortes testemunhos de "bem viver", com sustentabilidade e um estilo de vida sóbrio e saudável, de partilha de vida e de solidariedade.

Na Exortação *Evangelli Gaudium*, Papa Francisco nos dá dez sinais que são ótimas dicas às CEBs: 1) Sair da comodidade e ter a coragem de alcançar as periferias sociais e existenciais (n. 20); 2) Viver o êxodo, sair de si mesmo (n. 21); 3) Não excluir ninguém (n. 23); 4) Desenvolver um acompanhamento pedagógico do processo evangelizador (n. 24); 5) Avançar no caminho da conversão pastoral e missionária (n. 25); 6) Fazer uma opção missionária de costumes, estilos, horários, linguagem e estrutura (n. 27); 7) Aproximar-se da realidade das famílias e da vida do povo (n. 28); 8) Concretizar comunhão dinâmica, aberta e missionária, com processos dialógicos, descentralizados e participativos (n. 31); 9) Avaliar e repensar a maneira de comunicar a mensagem (n. 34); 10) Ter na pastoral orgânica da Igreja (n. 29).

As CEBs são o núcleo fundamental que se responsabiliza pela expansão da fé. Elas são a "célula inicial da estrutura eclesial e foco de evangelização" (DM, n. 15,10). São um novo modo de ser Igreja e sua missão é evangelizar. Toda ação evangelizadora deve explicitar a misericórdia

de Deus, revelada no amor de Jesus. As CEBs mostram a força e a coragem da união, do amor e da partilha, dos valores e dons colocados a serviço, numa aliança estreita com os movimentos populares (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022).

Para os bispos da 2ª CELAM, a Igreja é solidária com os pobres, "testemunha do valor dos bens do Reino e humilde servidora de todos" (DM, n. 3,8). É numa comunidade de fé, em que os seus membros se amam e radicalizam a caridade fraterna, que se torna viável e frutífera a luta pela justiça

e pela solidariedade, através de uma "caridade extra eclesial", da qual façam parte os "novos rostos sofredores que a caridade eclesial deve acolher e abraçar dentro da opção preferencial pelos pobres" (CNBB, 2012, n. 65).

A Teologia inspiradora é libertadora e como tal precisa conduzir a uma plena posse do protagonismo dos "últimos" da sociedade. Por seu lado, a Eclesiologia também é aquela do Povo de Deus, Trinitária e essencialmente DA Base. Todos são inspirados por Deus, na força do Espírito Santo.

Quadro 3 – CREIO das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)

CREIO das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)

Cremos em Deus Pai todo-poderoso, que nos dá a vida, quer a justiça e a igualdade, ama com predileção os pobres, que une o seu povo, quer as mudanças e que caminha conosco em busca da terra prometida. Cremos em Jesus, nosso irmão, Palavra de Deus encarnada no povo simples e sofredor, que carrega a cruz da opressão, da injustiça e escravidão. Cremos que a última palavra, não é a de Pilatos, nem a dos opressores, mas a do povo que caminha e que celebra a ressurreição: triunfo do Deus da Vida. Cremos no Espírito de Jesus, que age na pobreza, impotência, ignorância, fraqueza, dor e perseguição do povo, para construir um mundo de fraternidade, de justiça e de Amor. Cremos no Espírito que está presente e guia as Comunidades Eclesiais de Base, sementes do Reino para construir um modelo de Igreja, comunidade de Jesus, profética, missionária, libertadora e comprometida com o povo. Cremos na força do Espírito que nos dá a esperança para destruir o monstro da injustiça e da fome que domina na América Latina. Cremos nas Comunidades Eclesiais de Base, guiadas por Maria, mulher simples do povo e modelo de um novo relacionamento entre o homem e a mulher, onde nós, os pobres, somos sujeitos de nossa própria libertação.

4 Um modo de agir: a prática da sinodalidade

Evangelizar é a grande vocação da Igreja (*Evangelii nuntiandi*, 14; *Evangelii Gaudium*, n. 111), saindo pelas periferias sociais, culturais e existenciais, com o objetivo que todos tenham vida plena e abundante (Jo 10,10). É a teimosia da profecia e da fé comprometida, com a transformação da sociedade, acolhida numa Igreja Povo de Deus, que vive a partir das lutas de base e celebra sua fé de forma concreta.

A partir do "movimento de Jesus de Nazaré", as CEBs vão animando no caminho a construção do Reino de Deus, aprendendo e fazendo memória de todo o movimento dos primeiros cristãos e das primeiras comunidades. São os ministérios que vão surgindo, suscitados pelos carismas. É a "Igreja

nas casas", com Paulo, a *eklesia* que dá forma ao "caminhar da comunidade cristã". Os cristãos leigos e leigas são os sujeitos condutores de seus processos internos. São os verdadeiros artífices, cuidadores, zeladores, guardiões de um processo sinodal. Há que haver o cultivo da confiança na presença de Deus, sempre caminheiro, e na própria liberdade-responsabilidade de cada um. São sujeitos adultos, que refletem, filtram, interpretam, internalizam, dialogam e se comprometem com a práxis libertadora (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 89-96, 100-101).

A partir do Concílio Vaticano II, vão surgindo, na Igreja, comunidades de base, os ministérios leigos, as pastorais, os serviços, os diversos grupos específicos para atender necessidades especiais, os círculos bíblicos para estudar e rezar a partir

da Palavra de Deus. Nas CEBs, essas realidades ganharam importância e corpo, especialmente com a participação das mulheres, dos jovens, das crianças. Olhando o testemunho de Dom Cândido Padin, que participou da 2ª CELAM, e que respira "o clima das CEBs", vemos confirmado o processo participativo, na elaboração do documento de trabalho, que depois vai ser o documento final da Conferência. Eis o seu depoimento:

As reações ao Documento de Trabalho, como sondagem preliminar, revelaram as múltiplas facetas das concepções predominantes em nosso Continente, mas também em virtude das suas mais diversas realidades sociais, econômicas, políticas e culturais. Houve críticas negativas por acharem muito geral a análise da situação latino-americana... Embora as conclusões da Conferência não teriam a mesma força canônica das orientações do Concílio Vaticano II, a expectativa criada em parte do clero e do laicato católico e a força dos textos finalmente aprovados, demonstraram inequivocamente que não se tratava de uma reunião qualquer de Bispos e sim de um sopro do Espírito ao qual as nossas Igrejas locais não poderiam permanecer sem mudanças significativas (CATÃO; GUTIÉRREZ; PADIN, 1998, p. 4).

Quando vemos e participamos da preparação de qualquer intereclesial de CEBs, seja a nível Comunitário, ou de Rede de Comunidades (Paróquia), ou de Vicariato ou Diocese, do Regional ou do Nacional, vê-se todo um processo participativo de debate e construção. O mais recente, o 15º Intereclesial, em comunhão com o Papa Francisco, refletindo o tema "CEBs: Igreja em saída na busca da vida plena para todos e todas" e com o lema: "Vejam, eu vou criar novo céu e uma nova terra" (Is 65,17), mostra essa prática. Como Povo de Deus, se quer contribuir para a construção sinodal da Igreja, em sintonia com a rede eclesial das CEBs do Brasil (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 123). É o desafio da descolonização, da descentralização e da desclericalização. É o convite do Concílio Vaticano II, da utopia de um "mundo novo", onde o intereclesial de CEBs sempre é um processo sinodal, com uma metodologia representativa, inclusiva e participativa. A prática sinodal está presente desde o começo das CEBs, tanto na condução da Comunidade, quanto na realização

de qualquer encontro, em todos os níveis.

O desafio e a prática permanente, desde o início das CEBs, dos intereclesiais e dos trabalhos de base, é a prática da justiça e da forma sinodal. Esse é o "perfil messiânico" das CEBs, em que o agir se confunde profundamente com a prática de Jesus de Nazaré, das Primeiras Comunidades Cristãs. É a partir da fé em Jesus que nasce a Comunidade. Está eivada de conflitos, nos quais forças hostis procuram derrubar o projeto de Deus. É a fé-compromisso que não admite Jesus como messias triunfalista e nacionalista, mas "o Messias que sofrerá e morrerá na cruz" (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 124-128). É o agir pastoral como uma "Igreja em saída", expresso no Sínodo da Amazônia, da Ecologia Integral, do bem viver e bem conviver, no respeito à "pachamana" (Mãe Terra), sempre procurando descolonizar o anúncio do Evangelho, estimulando o "mutirão pela vida: por Terra, Teto e Trabalho" (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 124-128). As CEBs "são uma forma de vivência comunitária da fé, de inserção na sociedade, de exercício do profetismo e de compromisso com a transformação da realidade à luz do Evangelho" (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 124-128). É forte e decisiva a prática da "comunhão e participação com autonomia" (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 124-128). As CEBs são a

[...] presença da Igreja junto aos mais simples, aos descartados, aos excluídos/as... Elas têm contribuído de forma clara para que os cristãos leigos e leigas atuem como sujeito eclesial na vida da Igreja e para sua participação no mundo. A corresponsabilidade, com o protagonismo dos cristãos leigos e leigas, tem sido eficaz para que não persista o clericalismo e a consequente centralização do poder, que precisa ser serviço (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 128).

Segundo Clodovis Boff (1978), acontece um desclericalização da figura do padre, sendo ele o animador, com serviços e ministérios na Comunidade Eclesial. O desafio das CEBs é estabelecer uma ação que supere o "padrocentrismo", "bispo-centrismo", "diaconocentrismo" e "leigocentrismo". É firmar o propósito de ser Igreja – Povo

de Deus, missionária, ministerial, mais feminina e ecumênica, sinodal e "em saída", a serviço da vida plena para todos, optando mais pelos pobres, marginalizados e excluídos. O caminho para isso é o do diálogo, como foi o sínodo para a Amazônia. "Todos somos chamados a caminhar juntos" em comunhão e participação, ao encontro de Deus presente nos marginalizados e oprimidos (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 129).

As CEBs não são algo paralelo ou à revelia da Igreja como um todo. Elas possuem sua eclesialidade, ou seja, são células vivas que estão em comunhão com os pastores constituídos. No dizer de Paulo VI, repercutindo as indicações do Sínodo dos Bispos, de 1975, sua "eclesialidade se concretiza numa sincera e leal vinculação da Comunidade aos seus legítimos pastores, numa fiel adesão aos objetivos da Igreja, numa total abertura às outras Comunidades e à grande Comunidade da Igreja Universal, abertura que evitará toda tentação de sectarismo" (*Evangelii nuntiandi*, n. 5).

A Igreja é uma realidade essencialmente comunitária que exige, em primeiro lugar, igualdade de todos os membros quanto à sua origem, dignidade e destino, participação de todos nos afazeres da Comunidade e união de vontades e de esforços. Todos esses aspectos ajudarão no processo de descentralização que se dá numa "Igreja em saída", embora se saiba que, nesta Comunidade de iguais, nem todos têm a mesma função, porque os dons que o Espírito Santo derrama nos faz diferentes também na capacidade para servir os outros (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 130).

E a questão do protagonismo dos cristãos leigos e leigas nas CEBs é marca fundamental. Isso está no seu "estatuto eclesiológico". As mulheres sempre foram, são e serão protagonistas nas CEBs, pois são as grandes animadoras e construtoras do processo, sempre inspiradas por aquele elemento mínimo que é a Fé no Deus vivo e verdadeiro. Assim, a eclesialidade das CEBs se manifesta na epifania comunitária da salvação, uma ordem significativa, reunião a partir de Jesus, onde "dois ou mais", assembleia eucarística (BOFF, 1978).

Os cristãos leigos e leigas desempenham uma missão ativa na animação da Igreja. Nas CEBs, o

laicato está "em pé" de igualdade com os ministros ordenados, nada de submissão ou subalteridade. O Vaticano II provocou, e ainda falta dar mais concretude, a esta mudança de consciência eclesial. As CEBs estão fazendo sua parte no que diz respeito à desclericalização e participação dos cristãos na vida da Igreja, enquanto Povo de Deus (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022).

Mas ainda existe muito por fazer nas CEBs para acelerar o processo de desclericalização: 1. Distribuição das responsabilidades; 2. Esclarecimento das funções; 3. Formação dos responsáveis; e 4. Decisões coparticipadas. O Texto-base, preparatório ao 15º Intereclesial nacional oferece algumas pistas de ação: 1) Formação permanente dos membros das CEBs; 2) Formação de grupos para análise de conjuntura; 3) Enfrentamento das crises por meio de mutirão de solidariedade; 4) Sensibilização às causas indígenas, quilombolas, femininas...; 5) Articulação fé e vida; 6) Criação de espaços para o surgimento de projetos novos; 7) Reanimação dos grupos de reflexão bíblica ou círculos bíblicos; 8) Convivência com o diferente; 9) Valorização de todos os que lutam por uma Igreja – Comunidade profética; 10) Criação da Pastoral Familiar que acolha as famílias como elas são; 11) Valorização de todas as Pastorais Sociais, o Grito dos Excluídos, as Semanas Sociais Brasileiras, os movimentos populares...; 12) Concessão de autonomia aos Conselhos Comunitários de Pastoral; 13) Acolhida e estudo do Documento *Laudato Si'*; 14) Prática da solidariedade com todos os excluídos; 15) Defesa e promoção dos Direitos Humanos; 16) Busca dos que se afastam da Comunidade Eclesial; 17) Articulação das CEBs e de seus organismos animadores; 18) Exercício da lideranças de forma sinodal e serviçal; 19) Vivência da sobriedade; 20) Comunhão e participação com o ministério ordenado; 21) Criação de mecanismos de enfrentamento do clericalismo e promoção da responsabilidade laical (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 135-143; SELLA, 2010, p. 56-62).

Pacto das Catacumbas da Igreja Serva e Pobre⁴

Nós, Bispos, reunidos no Concílio Vaticano II, esclarecidos sobre as deficiências de nossa vida de pobreza segundo o Evangelho; incentivados uns pelos outros, numa iniciativa em que cada um de nós queria evitar a singularidade e a presunção; unidos a todos os nossos Irmãos no Episcopado; contando sobretudo com a graça e a força de Nosso Senhor Jesus Cristo, com a oração dos fiéis e dos sacerdotes de nossas respectivas dioceses; colocando-nos, pelo pensamento e pela oração, diante da Trindade, diante da Igreja de Cristo e diante dos sacerdotes e dos fiéis de nossas dioceses, na humildade e na consciência de nossa fraqueza, mas também com toda a determinação e toda a força de que Deus nos quer dar a graça, comprometemo-nos ao que se segue:

- 1) Procuraremos viver segundo o modo ordinário da nossa população, no que concerne à habitação, à alimentação, aos meios de locomoção e a tudo que daí se segue. Cf. Mt 5,3; 6,33s; 8,20.
- 2) Para sempre renunciamos à aparência e à realidade da riqueza, especialmente no traje (fazendas ricas, cores berrantes), nas insignias de matéria preciosa (devem esses signos ser, com efeito, evangélicos). Cf. Mc 6,9; Mt 10,9s; At 3,6. Nem ouro nem prata.
- 3) Não possuiremos nem imóveis, nem móveis, nem conta em banco, etc., em nosso próprio nome; e, se for preciso possuir, poremos tudo no nome da diocese, ou das obras sociais ou caritativas. Cf. Mt 6,19-21; Lc 12,33s.
- 4) Cada vez que for possível, confiaremos a gestão financeira e material em nossa diocese a uma comissão de leigos competentes e cônscios do seu papel apostólico, em mira a sermos menos administradores do que pastores e apóstolos. Cf. Mt 10,8; At. 6,1-7.
- 5) Recusamos ser chamados, oralmente ou por escrito, com nomes e títulos que signifiquem a grandeza e o poder (Eminência, Excelência, Monsenhor...). Preferimos ser chamados com o nome evangélico de Padre. Cf. Mt 20,25-28; 23,6-11; Jo 13,12-15.
- 6) No nosso comportamento, nas nossas relações sociais, evitaremos aquilo que pode parecer conferir privilégios, prioridades ou mesmo uma preferência qualquer aos ricos e aos poderosos (ex.: banquetes oferecidos ou aceitos, classes nos serviços religiosos). Cf. Lc 13,12-14; 1Cor 9,14-19.
- 7) Do mesmo modo, evitaremos incentivar ou lisonjear a vaidade de quem quer que seja, com vistas a recompensar ou a solicitar dádivas, ou por qualquer outra razão. Convidaremos nossos fiéis a considerarem as suas dádivas como uma participação normal no culto, no apostolado e na ação social. Cf. Mt 6,2-4; Lc 15,9-13; 2Cor 12,4.
- 8) Daremos tudo o que for necessário de nosso tempo, reflexão, coração, meios, etc., ao serviço apostólico e pastoral das pessoas e dos grupos laboriosos e economicamente fracos e subdesenvolvidos, sem que isso prejudique as outras pessoas e grupos da diocese. Ampararemos os leigos, religiosos, diáconos ou sacerdotes que o Senhor chama a evangelizarem os pobres e os operários compartilhando a vida operária e o trabalho. Cf. Lc 4,18s; Mc 6,4; Mt 11,4s; At 18,3s; 20,33-35; 1Cor 4,12 e 9,1-27.
- 9) Cônscios das exigências da justiça e da caridade, e das suas relações mútuas, procuraremos transformar as obras de "beneficência" em obras sociais baseadas na caridade e na justiça, que levam em conta todas e todas as exigências, como um humilde serviço dos organismos públicos competentes. Cf. Mt 25,31-46; Lc 13,12-14 e 33s.
- 10) Poremos tudo em obra para que os responsáveis pelo nosso governo e pelos nossos serviços públicos decidam e ponham em prática as leis, as estruturas e as instituições sociais necessárias à justiça, à igualdade e ao desenvolvimento harmônico e total do homem todo em todos os homens, e, por aí, ao advento de uma outra ordem social, nova, digna dos filhos do homem e dos filhos de Deus. Cf. At. 2,44s; 4,32-35; 5,4; 2Cor 8 e 9 inteiros; 1Tim 5, 16.
- 11) Achando a colegialidade dos bispos sua realização a mais evangélica na assunção do encargo comum das massas humanas em estado de miséria física, cultural e moral - dois terços da humanidade - comprometemo-nos: - a participarmos, conforme nossos meios, dos investimentos urgentes dos episcopados das nações pobres; - a requerermos juntos ao plano dos organismos internacionais, mas testemunhando o Evangelho, como o fez o Papa Paulo VI na ONU, a adoção de estruturas econômicas e culturais que não mais fabriquem nações proletárias num mundo cada vez mais rico, mas sim permitam às massas pobres saírem de sua miséria.
- 12) Comprometemo-nos a partilhar, na caridade pastoral, nossa vida com nossos irmãos em Cristo, sacerdotes, religiosos e leigos, para que nosso ministério constitua um verdadeiro serviço; assim: - esforçar-nos-emos para "revisar nossa vida" com eles; - suscitaremos colaboradores para serem mais uns animadores segundo o espírito, do que uns chefes segundo o mundo; - procuraremos ser o mais humanamente presentes, acolhedores...; - mostrarmos-nos-emos abertos a todos, seja qual for a sua religião. Cf. Mc 8,34s; At 6,1-7; 1Tim 3,8-10.
- 13) Tornados às nossas dioceses respectivas, daremos a conhecer aos nossos diocesanos a nossa resolução, rogando-lhes ajudar-nos por sua compreensão, seu concurso e suas preces.

AJUDE-NOS DEUS A SERMOS FIÉIS.

⁴ No dia 16.11.1965, cerca de 42 Padres Conciliares celebraram, nas catacumbas de Domitila, uma Eucaristia pedindo fidelidade ao Espírito de Jesus. Ali foi firmado o "Pacto das Catacumbas". Ver em Kloppenburg (1966, p. 526-528, v. 5, 4 seção). Entre os primeiros signatários do pacto, há cinco nomes brasileiros: Dom João Batista da Mota e Albuquerque (1909-1984, Vitória/ES), Dom Francisco Austregesilo de Mesquita Filho (1924-2006, Afogados de Ingazeira/PE), Dom José Alberto Lopes de Castro Pinto (1914-2007, Rio de Janeiro/RJ), Dom Henrique Hector Golland Trindade (1897-1974, Botucatu/SP), e Dom Antônio Batista Fragoso (1920-2006, Crateús/CE). Dom Helder Câmara, não pode participar, pois tinha encontro da Comissão de Redação da *Gaudium et Spes*, da qual era redator. Para saber mais, acessar: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/11/16/o-que-foi-o-pacto-das-catacumbas-que-mudou-os-rumos-da-igreja-catolica.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 1 dez. 2023.

5 Um protagonismo norteador: os “sem poder empoderados”

As CEBs são “o povo oprimido que se organiza para libertação” (BOFF, 1986, p. 75-79). O povo “sem poder” e oprimido que faz valer a força de sua fé e se insurge, se organizando e enfrentando o opressor, redescobrando a força de sua fé consciente e comprometida. Vai se articulando com os movimentos sociais populares e se inserindo com eles para poder se “empoderar” (BOFF, 1986, p. 75-79).

É pela força da Palavra de Deus que as CEBs são comunidades de discípulos e discípulas missionários. Trata-se de uma “luz” e um compromisso com os pobres. Na CEB, os pobres e, os que com eles são solidários, se sentem “em casa”. Por isso, a verdadeira comunidade é “a casa dos pobres”. O que norteia todo o processo de ação, interna e externa à comunidade, é a centralidade do Deus dos pobres. Os “sem poder”, os “sem voz e nem vez” começam a se “empoderar” quando descobrem e colocam em ação a força da união, da comunhão, da Palavra de Deus.

O Papa Francisco incentiva os movimentos populares a lutarem por “Terra, Teto e Trabalho”, com políticas de inclusão que contemplem os que estão sendo tratados como descartados pelo sistema econômico neoliberal vigente (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 13). As CEBs estão alicerçadas na Palavra de Jesus, para que todos tenham vida plena (Jo 10,10).

“O Reino de Deus está no meio de vós... Olhai” (Lc 17,20-21). As Santas Missões Populares, especialmente às vésperas do ano 2000, mostram que as comunidades se movimentam e “saem” pelas ruas, pelas casas, em diálogo e fraterna convivência com as pessoas. Colocar-se a caminho, entrar nas casas hoje, é o que se pode denominar de “Igreja doméstica”. É a inspiração refontizada em Jesus de Nazaré, do contato direto e personalizado, no cultivo diário do amor compartilhado e solidário, com os mais simples e humildes. Esta prática missionária foi muito vivida pelas CEBs, desde seu nascedouro. As CEBs sempre foram e são “uma Igreja em saída”. Até debaixo de uma figueira se constitui um “lugar sagrado” para o verdadeiro culto. As pessoas se encontram de modo informal. As crianças brincam e se sentem à vontade com seus demais irmãos e familiares.

A força missionária das CEBs está demonstrada e vivida desde seu nascedouro. Elas primaram por sustentar-se sobre quatro pilares: a fé na Palavra de Deus, na fracção e partilha do pão, na caridade solidária e libertadora e na missão (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022). Isso sempre em estreita relação com os pobres e excluídos, aqueles e aquelas que a sociedade considera “descartáveis”, sem nenhum poder de voz e de vez.

Com os excluídos, as CEBs começam. Trata-se de um “casamento”, uma aliança de base. O Papa Francisco mostra a incidência e a força de uma fé engajada e comprometida, aquela que é “fraternidade” ao interno da Comunidade Eclesial e a “amizade social”, na inserção no mundo e no compromisso social. Basta olhar a Encíclica *Fratelli Tutti*. Jamais podemos nos orientar por práticas ou princípios isolacionistas, tais como “salve-se quem puder”, “cada um pra si”, “todos contra todos”. Isso não é o que nos ensina o Evangelho de Jesus (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022).

6 Um modo de exercer o poder, nas CEBs: o CCP

A sinodalidade, a missionariedade e o diálogo fraterno sempre foram práticas permanentes nas CEBs. Isso se expressa, particularmente, na organização do Conselhos Comunitários de Pastorais (CCPs), dos ministérios, serviços e pastorais, bem como no engajamento dos membros das CEBs nos Conselhos Paritários Municipais.

Um dos elementos fundamentais, quanto ao andamento cotidiano das CEBs, é a forma como a Comunidade Eclesial é conduzida e animada. Neste particular, estão os CCPs. Supera-se o “modo piramidal” e verticalista de exercício de poder, com um novo modo de exercer a liderança, ou seja, a forma horizontal e de base, com plena comunhão e participação. O CCP dá novo rosto à Comunidade Eclesial e esta se torna um lugar bom e acolhedor de todos, especialmente daqueles que sempre andaram “à margem”, os pobres e excluídos da sociedade (BAVARESCO, 1988, 1989).

O CCP organiza e agiliza todas as instâncias organizadas da CEBs. Ele decide, avalia, planeja,

celebra e anima, toma posição diante de questões da comunidade, encaminha e executa as decisões tomadas, organiza a formação permanente dos membros da comunidade, convoca e coordena os encontros e reuniões. É por excelência a instância de "participação e comunhão" da Comunidade Eclesial (BAVARESCO, 1989, p. 22-23). Nele é levada a sério a recomendação de Jesus de Nazaré, diante dos poderes do mundo: "Mas entre vós não deverá ser assim. Quem de vocês quiser ser grande, deve tornar-se o servidor de vocês e quem de vocês quiser ser o primeiro, deverá tornar-se o servo de todos" (Mc 10,43-44). É a mística e a prática do "serviço", do servir.

Desde o Vaticano II, a temática da sinodalidade tem sido um desafio para a Igreja Católica. Na gênese das CEBs, identificamos esse DNA: "Todos e todas são chamados a caminhar juntos". A sinodalidade expressa, portanto, a comunhão e participação numa "Igreja em saída" para todas as periferias, ao encontro de Deus sempre presente no meio e na luta dos pobres marginalizados e oprimidos (SANTOS RODRIGUES; FRIGERIO; VIDAL, 2022, p. 101). A sinodalidade, caminhar e fazer juntos, é uma marca das CEBs desde a sua origem.

Deve-se, portanto, encarar com seriedade aquilo que diz respeito ao "exercício da autoridade na Comunidade Eclesial". A autoridade está centrada numa pessoa ou numa instância coletiva, sinodal? A autoridade é "poder ou serviço?" (AGUIRRE, 1993, p. 50-54). É claro que não se questiona a autoridade enquanto tal. Ela é necessária, não só coletiva, mas também pessoal. Alguém precisa exercer o "poder-serviço" de "acompanhar", "animar", "estimular", congregar, unir forças... A "horizontalização colegiada da Igreja", proposta pelo Concílio Vaticano II, na oficialidade da hierarquia, começou a ser colocada em prática pelas Conferências Episcopais, respeitando e acolhendo o "sacerdócio comum dos fiéis" (*Lumen gentium*, n. 12). "Os leigos são reconhecidos como grupo que tem parte na missão e obra da Igreja, trabalhando junto com os pastores constituídos. Uma maneira de fazer isso se dá por meio da liderança compartilhada no Conselho Paroquial (FUELLENBACH, 2006, p. 281).

No dizer do Papa João Paulo II:

[...] devem-se valorizar cada vez mais os organismos de participação previstos no Direito Canônico [CIC, n. 536], tais como os conselhos presbiterais e pastorais. Como se sabe, estes não se regem pelos critérios da democracia parlamentar, porque operam por via consultiva e não deliberativa; mas nem por isso perdem o seu sentido e importância. E que a teologia e a espiritualidade da comunhão inspiram uma escuta recíproca e eficaz entre pastores e fiéis (*Novo Millennio Ineunte*, n. 45a).

Os Conselhos, em todos os níveis, são práticas eclesiais que vão "tomando corpo" na vida da Igreja. E é saudável que tudo concorra para uma plena participação de todos os que vivem na Igreja.

"As assembleias ou os conselhos são sinais" vivos da participação dos fiéis na vida da Igreja, momento em que exercem seu protagonismo. E o Vaticano II "reconheceu que o primeiro depositário da revelação de Deus é o Povo" (COMBLIN, 2002a, p. 381-382) e neste está a missão da Hierarquia. "Consultar" e "levar em conta" as matérias de consulta é uma prática evangélica. Afinal, todos somos o Povo de Deus e exercemos o "sacerdócio comum dos fiéis" (*Lumen gentium*, n. 12). "Se não há ampla consulta, teme-se que a autoridade confunda uma intuição pessoal ou um preconceito que lhe vem desde a infância, ou desde o seminário, com uma inspiração do Espírito Santo" (COMBLIN, 2002a, p. 384).

Conclusão

A vivacidade de qualquer jeito de "caminhar" na Igreja sempre é mutante. Às vezes, é mais incisivo; às vezes, menos. Tudo é caminhado... Caminho (método)! As CEBs fazem parte desta dinâmica. Elas usam o clássico método "Ver-Julgar-Agir", avaliando e discernindo à luz da "sabedoria teológica e bíblica". "Precisamos nos colocar à caminho", agir com a certeza da ação da graça de Deus, na presença de seu Espírito, nunca esquecendo de "caminhar juntos", na verdadeira sinodalidade. O caminhar sinodal é precisamente o caminho de Deus. E Ele, na confiança que depositou no Filho, espera que Igreja no Terceiro Milênio seja o "sinal e o instrumento" de seu Reino.

Neste percurso que fizemos, fomos mostrando que as CEBs têm feito a experiência de forma decidida e decisiva de sinodalidade. O caminho sinodal, a quem o Papa Francisco convidou toda a Igreja a assumir, faz parte da CEBs desde as suas origens.

Referências

AGUIRRE, Luis Pérez. *A Igreja em crise: questões pendentes para o seu terceiro milênio*. São Paulo: Ática, 1993.

ALMEIDA, Antônio José de. *Novos Ministérios: a necessidade de um salto à frente*. São Paulo: Paulinas, 2013.

AQUINO JUNIOR, Francisco de. *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo: Paulinas, 2019.

BAVARESCO, Agemir (org.). *Como transformar a capela rural em comunidade*. São Miguel: Caxias do Sul, 1989.

BAVARESCO, Agemir (org.). *Igreja: Rede de Comunidades*. São Miguel: Caxias do Sul, 1988.

BOFF, Clodovis. *Comunidade Eclesial, Comunidade política: Ensaio de Eclesiologia política*. Petrópolis: Vozes, 1978.

BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez povo: Eclesiogenese: a Igreja que nasce da fé do povo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CATÃO, Francisco; GUTIÉRREZ, Gustavo; PADIN, Cândido. *Conferência de Medellín 1968: Trinta anos depois, Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 1998.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 1983.

COMBLIN, José. *O Povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002a.

COMBLIN, José. *Um novo amanhecer da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2002b.

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes: Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual*. 13. ed. Vozes: Petrópolis, 1969.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium: Constituição Dogmática sobre a Igreja*. 13. ed. Petrópolis: Vozes: Petrópolis, 1969.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA (CELAM). *Conclusões da Conferência de Medellín: 2ª CELAM*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA (CELAM). *Evangelização no presente e no futuro da América Latina: Conclusões da Conferência de Puebla: 3ª CELAM*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1992.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA (CELAM). *Nova Evangelização – Promoção Humana – Cultura Cristã: Conclusões da Conferência de Santo Domingo: 4ª CELAM*. São Paulo: Paulinas, 1992.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA (CELAM). *Texto Conclusivo da 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: Documento de Aparecida: 3ª CELAM*. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BIPOS DO BRASIL (CNBB). *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia: documento n. 100*. São Paulo: Paulinas, 2014.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BIPOS DO BRASIL (CNBB). *Discípulos e servidores da Palavra de Deus na missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2012.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BIPOS DO BRASIL (CNBB). *Mensagem ao Povo de Deus sobre as CEBs: documento n. 92. 2. ed.* São Paulo: Paulinas, 2010.

FRANÇA DE MIRANDA, Mário. *Igreja e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2009.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. *Fratelli Tutti: Carta Encíclica sobre a Fraternidade e a Amizade Social*. Paulus: São Paulo, 2020.

FRANCISCO. *Laudato Si: Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum*. Paulinas: São Paulo, 2015.

FUELLENBACH, John. *Igreja, Comunidade do Reino*. São Paulo: Paulinas, 2006.

IRIARTE, Gregório. *CEB – Um novo modo de ser Igreja: Roteiro prática para animadores*. São Paulo: Paulinas, 1992.

KLOPPENBURG, Boaventura (org.). *Concílio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1966.

PAULO II. *Novo Millennio Ineunte: Carta Apostólica no início do novo milênio*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 200.

LIBÂNIO, João Batista. *Cenários da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1999.

PAULO VI. *Discurso aos camponeses em Mosquera*. Colômbia, 23.8.1968.

PAPA PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi: Exortação Apostólica sobre Evangelização*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

SELLA, Adriano. *Por uma Igreja do Reino: novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial*. São Paulo: Paulus, 2010.

SIDEKUM, Antônio; WOLKMER, Antônio Carlos; RADELLI, Samuel Manica. *Enciclopédia Latino Americana dos Direitos Humanos*. Blumenau: EDIFURB; Nova Harmonia: Nova Petrópolis, 2016.

SANTOS RODRIGUES, Solange dos; FRIGERIO, Tea; VIDAL, Vileci Basílio. *15º Intereclesial de CEBs: Texto Base*. Rondonópolis: Edição dos Autores.

Wilson Dallagnol

Nascido em 29.5.1956, em Ibiraiaras (RS), frade capuchinho (1981), ordenado prebitero em 17.1.1987; cursou Filosofia na UCS (Caxias do Sul – 1978-1979) e Teologia na PUC-RS (Porto Alegre – 1981-1982 e 1985-1986); Mestrado em Teologia Sistemática (1997-1999). Estágio pastoral, Paróquia São Francisco das Chagas (Barra/BA, 1983-1984); coordenação da CPT-RS (1987-1991 e 2008-2021); membro do Conselho Provincial dos Freis Capuchinhos do RS (1990-1996); doutorado em Teologia Dogmática, pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma (Itália), em 2005. Escreveu alguns livros e artigos de revistas na área da Teologia Pastoral, Ensino Social da Igreja e da Eclesiologia.

Endereço para correspondência:

WILSON DALLAGNOL

Rua Sayde Abrahão, 245, Centro

Tramandaí, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.